

# ANAIS do ENIPAC

## 1.º Encontro Internacional Interdisciplinar em PATRIMÔNIO CULTURAL – ENIPAC

Objetivo: Possibilitar reflexões sobre o patrimônio cultural na contemporaneidade

Data: 20 a 22/6/2012 – Local: Anfiteatro I – Univille – Joinville (SC)

Equipe organizadora:  
Mariluci Neis Carelli (coordenadora)  
Dione da Rocha Bandeira  
Euler Renato Westphal  
Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes

Joinville – 2013



**Reitora**

Sandra Aparecida Furlan

**Vice-Reitor**

Alexandre Cidral

**Pró-Reitora de Ensino**

Sirlei de Souza

**Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação**

Denise Abatti Kasper Silva

**Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários**

Cleiton Vaz

**Pró-Reitor de Administração**

Raul Landmann

---

**ANAIS DO ENIPAC**

1.º Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural

**Equipe organizadora:**

Mariluci Neis Carelli (**coordenadora**) • Dione da Rocha Bandeira  
Euler Renato Westphal • Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes

---

**Produção editorial**



**Coordenação geral**

Reny Hernandes

**Revisão**

Cristina Alcântara • Reny Hernandes • Viviane Rodrigues

**Projeto gráfico e diagramação**

Claudio Alberto Lassance Rollin

---

**Conselho Editorial da Univille**

Profa. Dra. Denise Abatti Kasper Silva • Profa. M.Sc. Ágada Steffen • Prof. Dr. Alexandre Cidral  
Profa. Dra. Berenice Zobot Garcia • Profa. Dra. Denise Mouga • Prof. M.Sc. Fabrício Scaini • Profa. Dra. Liandra Pereira  
Profa. M.Sc. Marlene Westrupp • Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes

**ISBN – 978-85-8209-015-2**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Univille

---

E56 Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural  
(1. : 20 a 22 jun: 2012 : Joinville, SC)  
Anais do ENIPAC 1º Encontro Internacional Interdisciplinar em  
Patrimônio Cultural . – Joinville, SC, 2013.

32 p.

1. Pesquisa – Ensino superior. Patrimônio cultural. Título.

CDD 363.69

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	5
PROGRAMAÇÃO .....	6
RESUMOS APRESENTADOS .....	7
FORMAS NOVAS, TEMAS ANTIGOS: CONECTANDO HISTÓRIA E PATRIMÔNIO NA CRIAÇÃO DE PADRÕES GRÁFICOS PARA DIVULGAR SANTA MARIA .....	8
<i>Pedro Ceccim Morales</i>	
PATRIMÔNIO CULTURAL EM MADEIRA: UMA ABORDAGEM BOTÂNICA E ETNOBIOLÓGICA VOLTADA À CONSERVAÇÃO .....	9
<i>João Carlos Ferreira de Melo Júnior</i>	
OS OLHOS QUE ESCOLHEM .....	10
<i>Danielly Dias Sandy</i>	
FOTOGRAFIAS E NEGATIVOS DE VIDRO: QUANDO O PATRIMÔNIO É UMA IMAGEM QUE QUEBRA! .....	11
<i>Cristina Strohschoen</i>	
A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL – O EXEMPLO DA ILHA DA RITA (SC) .....	12
<i>Cibele Dalina Piva Ferrari, Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes</i>	
APROPRIAÇÃO E PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS PATRIMONIAIS NO BRASIL .....	13
<i>Rafael de Oliveira Rodrigues</i>	
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE ...	14
<i>Cibele Dalina Piva Ferrari, Douglas Neander Sambati, Fernanda Mara Borba, Misleine Kreich, Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes</i>	
A CONSERVAÇÃO DE MATERIAIS VEGETAIS ENCHARCADOS ENCONTRADOS EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO TIPO SAMBAQUI .....	15
<i>Adriana Maria Pereira dos Santos</i>	
ARQUITETURAS HISTÓRICAS DE PORTO UNIÃO (SC) E UNIÃO DA VITÓRIA (PR): A PLASTICIDADE EM EDIFICAÇÕES ENTRE 1900 E 1950 .....	16
<i>Ana Inez Kienen Schreiner, Nadja de Carvalho Lamas</i>	
PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO: REFLEXOS DE UMA PRÁTICA DE PATRIMONIALIZAÇÃO ...	17
<i>Mariela Felisbino da Silveira</i>	

QUANDO A COMIDA SAI DA MESA E VIRA PATRIMÔNIO .....	18
<i>Beatrice Correa de Oliveira Gonçalves</i>	
UM ESTUDO SOBRE INTERCULTURALIDADE NAS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS DA FABIO PERINI S.A. ....	19
<i>Ariela da Silveira Antonio, Mariluci Neis Carelli, Taiza Mara Rauen Moraes</i>	
O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL COMO PROCESSO CULTURAL .....	20
<i>Christiane Heloísa Kalb, Mariluci Neis Carelli</i>	
GESTÃO CULTURAL COM AÇÕES PATRIMONIAIS E CULTURAIS NA CIDADE DE SÃO FRANCISCO DO SUL – SC. ....	21
<i>Aldair Nascimento Carvalho, Scheila Regina Lino</i>	
CÂMBIO LINGUÍSTICO E INTERCÂMBIO IDENTITÁRIO: UM ESTUDO ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES EM JOINVILLE – SC .....	22
<i>Jailson Estevão dos Santos, Taiza Mara Rauen Moraes</i>	
SEM RESÍDUOS NEM RASTROS: AS CONSTRUÇÕES NEGRAS EM SÃO FRANCISCO DO SUL (SC). ....	23
<i>Fernanda Mara Borba, Dione da Rocha Bandeira</i>	
BIOLOGIA COMO SUPORTE A PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS. ....	24
<i>Thiago Fossile, Dione da Rocha Bandeira</i>	
ASSEMBLEIA DE DEUS: PATRIMÔNIO CULTURAL E PENTECOSTALISMO. ....	25
<i>Valdinei Ramos Gandra, Euler Renato Westphal</i>	
QUESTÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS E CULTURAIS PERTINENTES À GRAVURA ARTÍSTICA, EM CONTEXTO CONTEMPORÂNEO .....	26
<i>Elenir Morgenstern, Rita Peixe</i>	
A CACHAÇA ARTESANAL DA CIDADE DE MORRETES (PR) E AS SUAS RESSIGNIFICAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE .....	27
<i>Etienne Desireé Meira, Ilanil Coelho</i>	
EM JOINVILLE SOB A SOMBRA DE UM SAMBAQUI. ....	28
<i>Cleusa Margareti Ribeiro, Mariluci Neis Carelli, Dione da Rocha Bandeira</i>	
UMA DISCUSSÃO SOBRE PAISAGEM CULTURAL EM JOINVILLE (SC) .....	29
<i>Eliziane Meurer Boing, Mariluci Neis Carelli</i>	
INTERVENÇÃO URBANA NA RUA DO PRÍNCIPE EM JOINVILLE (SC): REMOÇÃO DA FEIRA DE ARTESANATO EM 1.º DE MAIO DE 2004 .....	30
<i>João Abeid Filho, Ilanil Coelho</i>	
O ESPAÇO SAGRADO COMO LUGAR DE MEMÓRIA .....	31
<i>Gilmar da Silva Ferreira, Euler Renato Westphal</i>	
EDUCAÇÃO, SUSTENTABILIDADE E PATRIMÔNIO .....	32
<i>Rosane Patrícia Fernandes, Sueli de Souza Cagneti, Mariluci Neis Carelli</i>	

## APRESENTAÇÃO

O I Enipac foi concebido pelos docentes do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) com o objetivo de possibilitar reflexões sobre o patrimônio cultural na contemporaneidade. Abriu-se esse espaço para que pesquisadores da área compartilhassem seus estudos e achados mais relevantes.

O I Enipac foi realizado de 20 a 22/6/2012 e seguiu um planejamento que foi composto das seguintes atividades: painel sobre patrimônio cultural e religiosidade, com a palestra do Dr. Edio Soares (coordenador de pesquisa do Projeto Star, do Institut des Hautes Études Internationales et du Développement, Genebra) e a palestra do Dr. Rudolf Von Sinner (professor e pesquisador da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS), moderado pelo Dr. Euler Westphal (professor e pesquisador da Univille); palestra do Dr. Yvan Droz (professor do Institut des Hautes Études Internationales et du Développement, Genebra) e conferência de encerramento de Dalmo Vieira Filho (professor e arquiteto do Instituto Histórico e Artístico Nacional, SC). Além disso, houve comunicações de resultados de projetos de pesquisa e de extensão interdisciplinares na área do patrimônio cultural. Durante o I Enipac também ocorreram eventos paralelos, como defesas de dissertações e apresentações de grupos culturais.

Neste primeiro encontro 25 inscritos apresentaram comunicações de pesquisa em patrimônio cultural, e houve ainda a participação de professores e alunos dos cursos de graduação de História, Artes Visuais, Letras, entre outros, e do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, bem como da comunidade regional interessada na temática.

A experiência do I Enipac se constituiu na construção coletiva da aventura da produção e discussão dos conhecimentos produzidos com base na temática proposta. Este primeiro encontro tem a relevância de iniciar uma caminhada de muitas que estão por vir no campo do conhecimento do patrimônio cultural, com toda a complexidade de que se reveste.

# PROGRAMAÇÃO

## 20.6.2012 (quarta-feira)

---

14h às 17h – Sessão de Comunicações  
18h30 – Recepção  
19h – Abertura  
19h30 – **Painel – Patrimônio Cultural e Religiosidade**

“*Le butinage religieux*”: um jeitinho brasileiro de ser fiel no Paranaguamirim  
Prof. Doutor Edio Soares – Coordenador de pesquisa (projeto Star) – Institut des Hautes Études Internationales et du Développement, Genebra

A presença das religiões no espaço público – uma análise crítica  
Prof. Doutor Rudolf Von Sinner – Escola Superior de Teologia – São Leopoldo (RS)

Moderador  
Prof. Doutor Euler Renato Westphal  
Universidade da Região de Joinville – Univille – Joinville (SC)

## 21.6.2012 (quinta-feira)

---

14h às 17h – Sessão de Comunicações  
19h – Apresentação cultural – Grupo Catumbi – Itapocu (SC)  
19h30min – **Palestra – Hibridismo e butinagem religiosos: como apreender práticas polimórficas?**  
Prof. Doutor Yvan Droz – Institut des Hautes Études Internationales et du Développement, Genebra

## 22.6.2012 (sexta-feira)

---

19h30 – **Conferência de Encerramento – Política do IPHAN – os desafios contemporâneos com relação ao patrimônio cultural**

Prof. Dalmo Vieira Filho – Instituto Histórico e Artístico Nacional (SC)

## Eventos paralelos (defesas de dissertações)

---

Título: Patrimônio ético: a questão da alteridade na educação inclusiva a partir da filosofia de Emmanuel Lévinas

Mestrando: Samuel Dagostin Galdino

Data: 20/6/2012

Horário: 15h

Local: Anfiteatro I – Univille

Título: Catumbi & Senhora do Rosário Sinhô Rei e Rainha ô... Ô recebe a coroa ô... As representações sociais do grupo Catumbi e da irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Itapocu sob o olhar das comunidades negras de Araquari e entorno

Mestrando: Aldair Nascimento de Carvalho

Data: 21/6/2012

Horário: 17h

Local: Anfiteatro I – Univille

ANAIIS do ENIPAC  
1.º Encontro Internacional Interdisciplinar em  
PATRIMÔNIO CULTURAL – ENIPAC

RESUMOS APRESENTADOS

## FORMAS NOVAS, TEMAS ANTIGOS: CONECTANDO HISTÓRIA E PATRIMÔNIO NA CRIAÇÃO DE PADRÕES GRÁFICOS PARA DIVULGAR SANTA MARIA

Pedro Ceccim Morales  
Universidade Federal de Santa Maria  
ceccim@yahoo.com.br

A preservação do patrimônio arquitetônico tombado pressupõe questionamentos nem sempre abordados pelos profissionais envolvidos na área de preservação. A obtenção de verba para a manutenção desses bens, assim como a falta de aproximação entre a história de tais construções e suas respectivas comunidades, aponta as falhas existentes no cumprimento das leis de tombamento, que não conseguem assegurar a preservação desses elementos. Não obstante, a falta de consciência preservacionista também demonstra o desconhecimento das populações acerca da história e da importância dos locais que ilustram o passado das cidades e definem a identidade de seus indivíduos. Tais definições culturais podem ser reforçadas ou refeitas pelas diferentes linguagens midiáticas que surgem e se reinventam ao sabor dos progressos obtidos pelas novas possibilidades de interação. Nesse sentido, a proposta do presente trabalho surge com o intuito de divulgar parte do conjunto de prédios tombados, por meio da técnica de estampa – neste caso, constituída de grafismos criados pela repetição de um elemento – inspirada nas características da arquitetura desses prédios, buscando reforçar os laços identitários entre a população da cidade de Santa Maria (RS) e seus bens históricos, além de propor uma fonte de renda para a manutenção e preservação desses bens, pois como é de conhecimento popular só valorizamos aquilo que conhecemos.

Palavras-chave: patrimônio arquitetônico; preservação; estampa; padrões gráficos; identidade.

# PATRIMÔNIO CULTURAL EM MADEIRA: UMA ABORDAGEM BOTÂNICA E ETNOBIOLÓGICA VOLTADA À CONSERVAÇÃO

João Carlos Ferreira de Melo Júnior

Professor-pesquisador do Laboratório de Anatomia Vegetal, Departamento de Ciências Biológicas – Universidade da Região de Joinville (Univille) – Joinville (SC)  
joao.melo@univille.br / jcmelo\_wood@hotmail.com

O uso da madeira como matéria-prima é amplamente difundido em obras que testemunham o patrimônio cultural brasileiro, seja em edificações históricas, objetos do cotidiano, meios de transporte, maquinários, engenhos, indumentárias e artefatos rituais. Conhecer as plantas por meio da cultura material significa entender o modo de vida do homem nas perspectivas simbólica e tecnológica. O presente trabalho apresenta uma síntese de dados de pesquisas realizadas pelo Laboratório de Anatomia Vegetal da Univille acerca dessa temática, contribuindo com ampliação dos conhecimentos sobre o modo de vida e a relação estabelecida entre homens e floresta no tocante à seleção e ao uso de recursos florestais na prática cotidiana das sociedades instaladas na região de Joinville durante os períodos pré-histórico e histórico. Operacionalmente, o método consiste na elaboração de uma coleção de referência com amostras de lenho da flora atual, coleta de madeiras pré-históricas ou históricas, confecção de preparações histológicas e caracterização anatômica e física das madeiras. Os resultados evidenciam um vasto uso de essências florestais cujas propriedades físicas e anatômicas estão fortemente associadas ao destino que lhes foi dado, pressupondo um conhecimento humano sobre aspectos tecnológicos do lenho e sua correta empregabilidade. Destacaram-se os gêneros madeiráveis *Araucaria*, *Aspidosperma*, *Cariniana*, *Centrolobium*, *Cedrela*, *Handroanthus*, *Ocotea-Nectandra* e *Terminalia*, todos encontrados em ecossistemas locais. A apropriação desse conhecimento pode contribuir com ações de conservação do patrimônio histórico, respeitando seus significados etnobotânicos e culturais, assim como em obras de restauro perante os processos de biodeterioração do patrimônio em madeira.

**Palavras-chave:** patrimônio cultural; madeiras arqueológicas; madeiras históricas; anatomia da madeira; etnobotânica.

## OS OLHOS QUE ESCOLHEM

Danielly Dias Sandy  
Museu Oscar Niemeyer (MON)  
daniellyds@yahoo.com.br

O tempo é um fenômeno inexorável. Durante sua perpétua passagem é difícil saber o que deverá ou não permanecer na história. O que permanece terá como destino ser preservado e chamado de patrimônio, será guardado em algum lugar, algum museu. Para Cury (2006), todos os objetos são passíveis de musealização. Mas quem é o responsável pela seleção daquilo que adentrará a esfera do patrimônio? Os governos, a mídia, os grandes colecionadores, os vencedores e, em determinadas instâncias, podemos dizer o curador. Este precisa ter um olhar especial que transite entre o passado, o presente e o futuro, criando elos temporais. Por isso “o ofício do curador, como tantos, surgiu pelo resultado do tempo, em dois lugares e momentos muito diferentes da história” (RAMOS, 2012, p. 9), talvez pela necessidade de um olhar seletivo voltado à preservação da memória. A inserção de objetos do cotidiano comum no universo dos museus requer conhecimentos de museologia e áreas afins. Nesse caso, a sensibilidade parte não somente da prática como também da pesquisa. Um museu não pode simplesmente coletar sem assimilar, pois todo acervo tem sede de pesquisa. Em Pimentel *et al.* (2007, p. 92), encontramos:

Os museus têm por principal função preservar e interpretar essa maré montante de artefatos, além de introduzir, em seu ambiente, itens que se caracterizam pela não materialidade: práticas, falas, memórias. [...] Nos museus ditos “de história”, uma tal abrangência traz em si seu limite: não é possível musealizar tudo, embora tudo seja, potencialmente, passível de musealização.

Na essência das instituições museológicas está o trabalho contínuo dos profissionais da curadoria. Para Tejo, “não se nasce curador, torna-se curador” (*apud* RAMOS, 2012, p. 149). Junto das escolhas desse profissional estão as suas experiências, seu conhecimento acerca do assunto abordado, da cultura, do objeto ou documento histórico. Algumas informações não podem fugir à sua compreensão, é importante saber que tipo de história cada obra ou objeto conta. Ser curador é abrir-se para diversos mundos, é encarar sua rotina com uma visão interdisciplinar, é conhecer as culturas e reconhecer o que será preservado. Por isso os olhos do curador captam os objetos, selecionam o que pode ser musealizado, o que permanece como patrimônio e a história que poderá ser contada. Realizar curadoria é mediar a memória, escrever uma parte da história e conduzir o olhar de quem observa.

**Palavras-chave:** curadoria; patrimônio; museu.

## FOTOGRAFIAS E NEGATIVOS DE VIDRO: QUANDO O PATRIMÔNIO É UMA IMAGEM QUE QUEBRA!

Cristina Strohschoen

Universidade Federal de Santa Maria

crisarquivista@gmail.com

Parte do patrimônio cultural brasileiro encontra-se disperso em arquivos, museus e bibliotecas, todos centros de memória com um objetivo comum: coletar, preservar e colocar a memória da sociedade à disposição de usuários e pesquisadores. Nesse contexto, investigou-se, no universo dos acervos fotográficos, um suporte documental específico – o negativo de vidro. Inventado em 1848, foi o principal suporte documental das imagens fotográficas no mundo até 1888, quando se inventou o negativo em película – flexível. Foi sobre chapas de vidro que as imagens do fim do Brasil Império e do início do Brasil República foram produzidas, por pesadas câmeras fotográficas de madeira – as famosas *lambe-lambe*. A importância do suporte documental negativo de vidro como fonte de pesquisa sobre a história mundial e brasileira foi comprovada mediante incursões na literatura e investigações em acervos fotográficos brasileiros. Verificou-se que a fotografia constitui poderoso veículo de comunicação visual, além de seu valor como fonte de informação e patrimônio documental. Tal premissa, por sua vez, impõe às instituições culturais custodiadoras desse tipo documental a necessidade de definir políticas específicas para elas. À luz dos conceitos sobre preservação, acesso e difusão, os quais se instituíram nos referenciais teóricos, e situando cronologicamente a invenção dos diversos processos fotográficos, o presente estudo analisou políticas de preservação e acesso adotadas por centros de documentação fotográfica detentoras de negativos de vidro com base naquelas identificadas em duas instituições culturais com semelhanças nos acervos preservados e nos objetivos e nas metas institucionais, porém com diferenças climáticas em virtude da sua localização geográfica – nas regiões Sul e Nordeste do Brasil. Ratificou-se a importância das funções arquivísticas: a preservação e conservação preventiva para aumento da longevidade dos documentos; a necessidade de elaboração de instrumentos de pesquisa para garantir o acesso ao conteúdo das imagens; e a difusão cultural, editorial e educativa. Permeando tudo isso, verificou-se a necessidade da existência de programas como planejamentos contínuos – as políticas. Como fruto deste estudo foi produzido o produto final exigido em mestrados profissionalizantes – um manual com os procedimentos adequados para a preservação do documento fotografia, especificamente no suporte documental negativo de vidro, que pretende orientar arquivistas, conservadores, historiadores, bibliotecários, museólogos e outros profissionais nas ações pertinentes à conservação preventiva, preservação e restauração de imagens sobre esse suporte documental.

**Palavras-chave:** patrimônio cultural; fotografia; preservação; difusão; negativos de vidro.

# A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL – O EXEMPLO DA ILHA DA RITA (SC)

Cibele Dalina Piva Ferrari

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade, bolsista Capes – Universidade da Região de Joinville (Univille)

Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, orientadora – Univille

A presente proposta de comunicação origina-se de pesquisa financiada pela Capes, ligada ao grupo de pesquisas Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural e à linha de pesquisa Patrimônio e Memória Social, do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) da Univille. A comunicação tem como objetivo apresentar resultados preliminares de pesquisa que busca identificar e analisar as representações sociais da população de São Francisco do Sul (SC) sobre a Ilha da Rita e discutir a contribuição que a Teoria das Representações Sociais pode dar para a elaboração de políticas públicas sustentáveis voltadas ao patrimônio cultural. O uso dessa teoria possibilita a investigação sobre como a população se apropria da Ilha da Rita enquanto patrimônio cultural, como dá sentido a ela, como se relaciona com a sua história e como entende a conservação de tal patrimônio com vistas a iniciativas culturais no local. A Teoria das Representações Sociais é então um instrumento de análise da realidade social, pois possibilita compreender o modo como os grupos concebem o mundo e o contexto em que estão inseridos, as formas de se relacionar e de criar novas representações. As representações sociais são um aspecto significativo para a preservação do patrimônio cultural, dando novos significados e sentidos a esse patrimônio e refletindo assim o contexto histórico e cultural em que estão sendo formadas as novas representações sobre o patrimônio cultural. A análise dá-se por meio de uma abordagem quali-quantitativa, que inclui a realização de entrevistas orais e aplicação de formulários. Os resultados têm apontado na direção de que a população, na sua maioria, conheceu a Ilha da Rita por intermédio da escola, por passar na frente dela em passeios pela baía; além disso a compreende como um patrimônio cultural não apenas por sua beleza natural, mas principalmente por ter servido de base de abastecimento naval e importante ponto estratégico no sul do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Outro dado relevante é que os entrevistados almejam a musealização da ilha e esperam e apoiam projetos ligados às práticas educacionais, porém o objetivo maior é que ela se torne mais um atrativo turístico para o município.

**Palavras-chave:** representações sociais; patrimônio cultural; Ilha da Rita.

## APROPRIAÇÃO E PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS PATRIMONIAIS NO BRASIL

Rafael de Oliveira Rodrigues

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

rafaelorodrigues@gmail.com

Este ensaio propõe uma reflexão sobre as formas distintas de apropriação dos espaços patrimoniais, tomando como base as diferentes representações produzidas pelo poder público e pela sociedade civil acerca de um aeroporto de zepelins (um dos primeiros meios de transporte aéreos mundiais) construído no Recife na década de 1930. Atualmente o local é tombado como patrimônio histórico da cidade e tem sido alvo de uma série de intervenções que propõem sua transformação em um parque urbano. Conclui-se pelas observações que o espaço é uma construção cultural, e a sua construção patrimonial está sujeita a uma série de representações, as quais variam de acordo com fatores econômicos, políticos, históricos e sociais.

**Palavras-chave:** representação espacial; patrimônio; zepelins; Recife.

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE

Cibele Dalina Piva Ferrari

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade, bolsista Capes – Universidade da Região de Joinville (Univille)

Douglas Neander Sambati

Mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade, bolsista FAP – Univille

Fernanda Mara Borba

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade, bolsista Capes – Univille

Misleine Kreich

Licenciatura em História, bolsista Pibic/Artigo 171 – Univille

Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, orientadora – Univille

A presente proposta de comunicação origina-se de pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural, ligado ao programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade e ao curso de História da Univille. O objetivo foi identificar as representações sociais sobre o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ), tendo em vista a sua interdição pela Vigilância Sanitária em fevereiro de 2012 e as discussões que estão ocorrendo sobre o destino do prédio, inclusive sua possível demolição. O MASJ é uma unidade da Fundação Cultural de Joinville, criado em 1969 pela Lei Municipal n.º 1.042 para abrigar a coleção arqueológica de Guilherme Tiburtius, comprada pela Prefeitura de Joinville em 1963. Além da exposição e de projetos educativos itinerantes, o museu também é responsável pelo gerenciamento do patrimônio arqueológico no município de Joinville. O estudo das representações sociais possibilita uma compreensão de como os grupos sociais concebem o mundo, suas formas de se relacionar entre si e com a sua história e como criam novas representações. Considera-se que as representações sociais sejam um aspecto significativo para a preservação do patrimônio, dando novos significados e sentidos a ele e refletindo assim o contexto histórico e cultural em que estão sendo formadas novas representações. Elas podem servir também como uma forma de compreensão do patrimônio cultural e das memórias a ele atribuídas pelos múltiplos grupos que compõem a sociedade. Acredita-se que a utilização dessa teoria possibilita pautar na sustentabilidade propostas de revitalização e reutilização de espaços patrimoniais, mediante a participação da população local em tais iniciativas, que é o caso em questão. A pesquisa foi realizada com a aplicação de 114 formulários respondidos manualmente e *online* por cidadãos joinvilenses sobre o que é sambaqui e o que pensam sobre o destino do prédio do museu, assim como sobre o levantamento das notícias veiculadas em jornais a respeito do fato. Os resultados confirmam a hipótese de que a opinião está dividida. Contudo alguns dados levantam questões fundamentais na contemporaneidade, como o pouco conhecimento de entrevistados graduados e pós-graduados sobre um espaço patrimonial de importância reconhecida nacional e internacionalmente ou, ao menos, a falta de identificação do grupo pesquisado para com o prédio que abriga o museu há mais de 40 anos.

**Palavras-chave:** Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville; patrimônio cultural; representações sociais.

## A CONSERVAÇÃO DE MATERIAIS VEGETAIS ENCHARCADOS ENCONTRADOS EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO TIPO SAMBAQUI

Adriana Maria Pereira dos Santos

Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, conservadora do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ)  
adrianampsantos@bol.com.br

Com a descoberta e o resgate de importantes e delicados materiais vegetais, localizados na base de alguns sambaquis no município de Joinville (SC), houve necessidade de estudos especiais para a preservação de tais elementos, pois eles se mantêm conservados ao longo dos anos pelo fato de estarem em constante contato com a umidade oriunda das variações da maré. Por serem raros e fazerem parte do processo inicial de construção dos sambaquis, salvaguardar informações acerca desse material tornou-se imprescindível. O presente trabalho é resultado de pesquisa realizada com amostras desse tipo de material, encontrado no sambaqui Cubatão I, de Joinville (SC). Com base em estudos bibliográficos e experimentações de alguns meios, os artefatos de origem lenhosa, em forma de estacas, e também fibras que se apresentam trabalhadas para amarras, cestarias ou cordas, foram analisados sob o aspecto de sua conservação. Para testar possibilidades que objetivaram estabilizar não só sua estrutura física como também a estrutura anatômica dos vegetais – parte indispensável para futuras identificações taxonômicas –, métodos de conservação tiveram de dialogar com profissionais da arqueologia e da biologia. Essa situação interdisciplinar, apesar de mais atribulada, permitiu alcançar os objetivos almejados. Concluiu-se que a conservação dos vegetais encharcados encontrados em tal sambaqui foi possibilitada por um conjunto de fatores: processos antrópicos, tafonômicos e a própria química da madeira, os quais, combinados, favoreceram sua preservação *in situ*. E, para a conservação *ex situ*, indica-se que o material vegetal encharcado seja colocado em solução de FAA (formaldeído 37%, ácido acético glacial e álcool 95%) pelo período de 48 horas e após seja conservado em álcool 70%.

**Palavras-chave:** conservação; vegetal encharcado; sambaqui; material arqueológico.

# ARQUITETURAS HISTÓRICAS DE PORTO UNIÃO (SC) E UNIÃO DA VITÓRIA (PR): A PLASTICIDADE EM EDIFICAÇÕES ENTRE 1900 E 1950

Ana Inez Kienen Schreiner

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)  
anainezks@hotmail.com

Nadja de Carvalho Lamas

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, orientadora – Univille

Esta dissertação de mestrado, relacionada à linha de pesquisa Patrimônio e Sustentabilidade, do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) da Univille, está em desenvolvimento e partiu de projeto de pesquisa com nomenclatura semelhante, aprovado no colegiado de curso do respectivo mestrado e no Comitê de Ética vinculado à Univille. Seu objetivo é discutir a caracterização de patrimônio cultural a partir dos estilos arquitetônicos históricos nas cidades Porto União (SC) e União da Vitória (PR). As duas cidades têm uma história comum, são iguais e diferentes, os sujeitos que ali vivem possuem uma memória social compartilhada. Na configuração arquitetônica são visíveis os traços do passado eclético, influências da *art nouveau* e da *art déco*. A arquitetura histórica é um legado ao mesmo tempo material e imaterial, lembrança e presença. A pesquisa problematiza a arquitetura histórica na cidade e suas implicações, a discussão acerca do seu caráter de patrimônio cultural e a identificação com estilos arquitetônicos de época, questões plásticas e simbólicas. A fundamentação teórica envolve concepções sobre a arquitetura eclética e modernista, cidade, patrimônio cultural, contextualização histórica de Porto União e de União da Vitória. A fronteira entre os dois municípios está estabelecida pelos trilhos da estrada de ferro e pelas águas do Rio Iguaçu. Há na cidade lugares de memória singulares, como a Estação Ferroviária União (1942) e o Cine Luz (1951). O termo cidade sugere de imediato inúmeras formas tangíveis, conhecidas, lembradas e um rol de formas imaginadas intangíveis. A dinâmica da cidade movimenta continuamente elementos, corpos e pensamentos; as transformações corriqueiras apenas são percebidas quando algo rápida e efetivamente muda. A palavra *forma* está impregnada na palavra *cidade*. A cidade, planejada urbanisticamente ou não, nascida da necessidade de garantir posse territorial ou de repor energias de tropeiros e desbravadores aventureiros, é local de trânsito cultural, de hibridações, em que modos de viver são mesclados. Pensar no espaço físico, em suas arquiteturas, no que está posto nessa materialidade, nas diferenças desse simbólico passado presente existente na cidade, no novo, no alterado, ou no antigo ainda existente, no que é próprio e no que é do outro, é pensar cultura.

**Palavras-chave:** arquitetura histórica; cidade; patrimônio cultural.

## PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO: REFLEXOS DE UMA PRÁTICA DE PATRIMONIALIZAÇÃO

Mariela Felisbino da Silveira

Cientista social, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

O bairro do Ribeirão da Ilha, localizado na porção sul de Florianópolis (SC), foi um dos primeiros povoamentos portugueses da cidade. Essa localidade guarda consigo um conjunto de patrimônios culturais que são pensados como atrativos pelas instâncias governamentais e privadas ligadas ao turismo e para quem procura conhecer e vivenciar os aspectos particulares do lugar. Durante a realização de meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais<sup>1</sup> duas situações me chamaram a atenção. Uma é a apropriação do discurso do patrimônio cultural por parte das organizações de incentivo ao turismo. Tal apropriação acontece por meio de diversas estratégias, entre as quais a mídia voltada aos turistas, que usa as representações e as imagens do patrimônio local como pano de fundo de suas ações. A outra situação diz respeito às apropriações e aos reflexos das ações desenvolvidas por instituições como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), responsável pela execução do inventário “Freguesias luso-brasileiras da Grande Florianópolis”, que resultou em proposições de tombamentos na localidade, além de ações governamentais, de âmbitos municipal e estadual, de incentivo ao turismo que se aliam às estratégias do comércio local. Quanto à repercussão da realização de atividades turísticas, impulsionadas pelo estado e pela iniciativa privada, sobre os moradores locais, as opiniões se polarizam entre os que acreditam que o turismo estimula a conservação de seus bens patrimoniais e conseqüentemente de sua história e os que são contrários ao desenvolvimento das atividades, vendo nelas apenas mais uma abertura para especulações de toda a sorte.

**Palavras-chave:** patrimônio cultural; patrimonialização; turismo.

<sup>1</sup> Neste estudo problematizaremos os resultados da pesquisa realizada para meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais (UFSC) e que darão subsídios para o projeto de mestrado em Antropologia Social que está em fase de desenvolvimento no ano letivo de 2012.

## QUANDO A COMIDA SAI DA MESA E VIRA PATRIMÔNIO

Beatrice Correa de Oliveira Gonçalves

Mestranda do curso de pós-graduação em Antropologia Social – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Em 2010 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, do inglês United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) integrou a alimentação na lista de Patrimônio Imaterial da Humanidade. Desde então, o movimento de “patrimonialização” de alimentos tem crescido em todo o mundo. Este estudo tem a proposta de refletir sobre a política de “patrimonialização” dos modos de preparar alimentos considerados tipicamente brasileiros, tendo como base dossiês e estudos feitos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

**Palavras-chave:** alimentação; patrimônio; identidade.

# UM ESTUDO SOBRE INTERCULTURALIDADE NAS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS DA FABIO PERINI S.A.

Ariela da Silveira Antonio

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)  
arielaantonio@ig.com.br

Mariluci Neis Carelli

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, orientadora – Univille  
mariluci.neis@univille.br

Taiza Mara Rauen Moraes

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, coorientadora – Univille

Quando uma empresa quer abrir as portas para o mercado internacional, para negociar seus produtos, é importante levar em consideração as possíveis dificuldades decorrentes dos choques culturais. Mostra-se fundamental que as organizações se conscientizem da diversidade cultural e de qual o seu papel nas negociações. As questões culturais e comportamentais ganham relevância social e econômica. Em termos organizacionais, por exemplo, observa-se um grande interesse pelo tema da adaptação às mudanças, uma vez que novas exigências são criadas nas relações de trabalho, entre as empresas e entre os trabalhadores. Para compreender as dificuldades das organizações em “enfrentar” terras estranhas, antes é preciso entender o que, de fato, significa cultura e suas variantes. Ao perguntarmos “o que é cultura?”, aparecem dificuldades na compreensão de nossa própria cultura. Uma vez que nela estamos imersos, raramente vira objeto de análise. Neste trabalho buscou-se demonstrar um estudo de caso da Empresa Fabio Perini S.A. focado no processo de negociação internacional da organização e na análise dos fatores culturais e do reconhecimento sobre as dificuldades em negociar no mercado internacional. O negociador precisa estar familiarizado com algumas culturas, pois o que é aparentemente comum para os negociadores pode ser estranho ou até mesmo exótico para outra cultura. A era da globalização e da socialização dos saberes tem influenciado para que questões como interculturalidade despertem o interesse e o estudo sobre a cultura, sendo cada vez mais frequente no meio empresarial e em mesas de reuniões. Sinaliza-se para que as empresas que atuam no comércio global ampliem suas relações e modos de negociar para se tornarem economicamente competitivas. Para tanto, cada vez mais no mundo dos negócios serão exigidos habilidade, flexibilidade e conhecimento intercultural, o que pode ser provido por meio educacional oferecido pela própria empresa. Uma negociação deve ser planejada. Considerando as particularidades culturais dos clientes e de seu país, estudar o cliente torna-se a melhor maneira de saber qual é a sua cultura, para atender às necessidades do outro. Num primeiro momento este trabalho tinha o propósito de enumerar os problemas culturais enfrentados pelos profissionais de comércio exterior ao negociar com diferentes países, porém percebeu-se que a perspectiva intercultural é muito ampla e pode estar relacionada a qualquer processo cultural. A pesquisa focou no comércio internacional promovido pela empresa Fabio Perini S.A. em Joinville e colocou em questão a necessidade de planejamento cultural nas negociações internacionais como uma das condições estruturadas para bem-sucedidos resultados comerciais.

**Palavras-chave:** interculturalidade; comércio internacional; empresa.

## O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL COMO PROCESSO CULTURAL

Christiane Heloísa Kalb

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)  
christianekalb@hotmail.com

Mariluci Neis Carelli

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, orientadora – Univille

A cultura possui diversas vertentes passíveis de estudos científicos, sendo a indústria uma delas. Contudo trata-se aqui do estudo da indústria não só pelo viés econômico e empresarial, o que normalmente é relacionado, mas pelo fim cultural que a ela se dispõe. A indústria seria uma das formas de qualificar o patrimônio industrial como um todo, como se verá nas conceituações que se realizarão neste trabalho. Tais conceituações não são somente focadas no patrimônio industrial, especificamente; abrangem o patrimônio cultural de forma geral. Apresenta-se um breve estudo sobre o que ocorreu e o que vem ocorrendo no que concerne à preservação do patrimônio industrial, bem como cultural no Brasil, nomeadamente, assim como na seara internacional, vez que grande parte dos atos protetivos regulamentados até hoje provém de seminários e encontros internacionais, embora tenham causado consequências sérias em nosso país. Assim, a noção de patrimônio material, que remete a bens culturais sólidos, como igrejas e monumentos, perde importância nas políticas culturais para a ideia de patrimônio imaterial, feito da linguagem, da dança, do comportamento, dos modos de fazer, fabricar, todas essas entidades voláteis e cambiantes. Desse modo, algumas mudanças que ocorreram em determinados processos de produção, em que primeiramente o produto era totalmente produzido dentro da mesma fábrica, saindo direto para o consumo, e hoje em sua maioria tem seus processos terceirizados, subdivididos em outras fábricas menores, podem também ser consideradas parte do patrimônio cultural, merecendo estudo mais aprofundado.

**Palavras-chave:** patrimônio; cultura; patrimônio industrial.

## GESTÃO CULTURAL COM AÇÕES PATRIMONIAIS E CULTURAIS NA CIDADE DE SÃO FRANCISCO DO SUL – SC

Aldair Nascimento Carvalho

Diretor-geral da Fundação Cultural da Ilha de São Francisco do Sul  
daia.cultura@gmail.com

Scheila Regina Lino

Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade e funcionária da Fundação Cultural da Ilha de São Francisco do Sul  
scheilalino@univille.br.

O objetivo desta comunicação é apresentar e discutir a gestão cultural em São Francisco do Sul, a partir de ações contínuas com projetos de educação patrimonial, relacionados com o programa Monumenta, implantado na cidade desde 2002. O Monumenta é um programa de recuperação sustentável do patrimônio histórico urbano sob a tutela federal, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 2009 a gestão cultural de São Francisco do Sul, em parceria com o programa Monumenta, elaborou um mecanismo para que houvesse a participação da comunidade no processo de educação patrimonial. O interesse pelo conhecimento histórico-cultural de São Francisco do Sul e pelo aperfeiçoamento profissional, visando à rentabilidade na área patrimonial e histórico-cultural da cidade, foi estimulado, e o retorno é visivelmente significativo.

**Palavras-chave:** gestão cultural; educação patrimonial; projeto cultural.

# CÂMBIO LINGUÍSTICO E INTERCÂMBIO IDENTITÁRIO: UM ESTUDO ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES EM JOINVILLE – SC

Jailson Estevão dos Santos

Mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)

Taiza Mara Rauen Moraes

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, Grupo de Pesquisa Imbricamentos de Linguagens – Univille

Esta comunicação apresenta dados parciais de um estudo de caso sobre as transformações e os deslocamentos identitários entre descendentes de alemães em Joinville, cidade brasileira do estado de Santa Catarina que no fim do século XIX e começo do século XX recebeu levas de imigrantes alemães. Estes tiveram de suportar e superar mudanças em função do desuso da língua materna, especialmente a partir da política do Estado Novo e das consequências da Segunda Guerra Mundial. O recorte de estudo é efetuado nas décadas de 1940 e 1950, considerando-se que os dois sujeitos entrevistados sofreram as pressões culturais da época. Tem-se como objetivo principal estudar as transformações e os deslocamentos identitários, com enfoque analítico baseado em referencial linguístico, interfaces culturais e imbricamentos com os conflitos motivados pelas trocas linguísticas. O estudo inicialmente aborda processos identitários, alterações socioculturais, sentimento de pertencimento, crises de identidade por fronteiras quebradas e ultrapassadas, que efetivaram processo identitário perpetuado até o presente. Na sequência investiga as trocas linguísticas vivenciadas em um contexto de coerção, mostrando que o tempo se encarregou de criar matizes e releituras, bem como deslocamentos e transformações no processo identitário movidos pela experiência linguística que instalaram e definiram novas significações culturais. E, por fim, são analisados os hibridismos e as transformações observadas mediante pesquisa feita por meio de entrevistas com descendentes de alemães do período recortado. A abordagem é fundamentada teoricamente em: Stuart Hall (2006), que trata, em seus escritos, das culturas nacionais imaginadas, portanto, das narrativas simbólicas e representadas em forma de tradições inventadas; Roland Barthes (2008), que discorre sobre as mitologias; Pierre Bourdieu (2008), que pondera sobre o poder social e simbólico da língua com projeções no relativismo da interpretação da linguagem quando da criação e apropriação de diversos campos semânticos; e Mikhail Bakhtin (2009), que ao tratar do discurso e da filosofia da linguagem valoriza a fala individual, a enunciação, afirmando sua natureza ligada às estruturas sociais e tendo como implicações os conflitos de domínio e resistência. As transformações e os deslocamentos em análise revelam que estão numa base direta com o câmbio linguístico e imbricadas com a força e a influência que a língua projeta.

**Palavras-chave:** linguística; cultura; identidade.

## SEM RESÍDUOS NEM RASTROS: AS CONSTRUÇÕES NEGRAS EM SÃO FRANCISCO DO SUL (SC)

Fernanda Mara Borba

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)  
fernanda.borba@univille.br

Dione da Rocha Bandeira

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade – Univille

Para discutir a escravidão em São Francisco do Sul (SC), lançou-se mão de uma pesquisa arqueológica com o intuito de evidenciar a cultura material relacionada a africanos e afrodescendentes na cidade, considerando as especificidades locais que envolveram esse sistema (baixo número de escravos e a dinâmica do trabalho escravista). Por serem menos conhecidas e mal estudadas na cidade, as contribuições desses grupos no passado são geralmente vistas de uma maneira muito simplificada. Com base em uma análise da historiografia e relatos de viajantes, documentos oficiais (como inventários, registros de propriedades, batismos e óbitos), mapas, fotografias, desenhos e depoimentos orais, pretende-se nesse momento discutir a busca de estruturas relacionadas aos cativos, focando tais espaços. Por conta especialmente da fragilidade dessas construções elaboradas com pau a pique, quase sempre vedadas por taipa ou por folhas, as estruturas poderiam ser destruídas para serem usadas de outras formas. Ou ainda, mesmo que mantidas, acabavam sofrendo com as ações do tempo (sol, chuva e vento), não deixando resíduos nem rastros no presente. Considerando que havia uma incompreensão relacionada às construções negras (estabelecidas ainda no século XVII), a perspectiva arqueológica, ao reunir várias fontes de pesquisa, ampliou os estudos e trouxe novas interpretações a respeito das ausências desses vestígios na cidade. O presente trabalho está vinculado a uma pesquisa interdisciplinar financiada pela Capes e integra o Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural, da Univille.

**Palavras-chave:** Arqueologia; construções negras; São Francisco do Sul.

## BIOLOGIA COMO SUPORTE A PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

Thiago Fossile

Universidade da Região de Joinville (Univille)  
thifossile@gmail.com

Dione da Rocha Bandeira

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade – Univille  
dione.rbandeira@gmail.com

A região da Baía da Babitonga é considerada destaque pela grande quantidade de sambaquis, cerca de 150 conhecidos até o momento (PMJ, 2010). Informações sobre esses sítios arqueológicos são obtidas pela Arqueologia por meio do estudo dos remanescentes materiais ali encontrados (BANDEIRA, 2005). Para a subsistência, os sambaquianos exploraram vários ambientes e recursos marinhos e terrestres. Os moluscos que compõem o sítio eram coletados, principalmente, nos manguezais e nas águas da baía (BANDEIRA, 2005), porém os peixes eram os animais mais significativos na dieta alimentar (FIGUTI, 1993). Podem-se considerar ainda os crustáceos, cujos vestígios não se preservam bem, mas foram certamente consumidos (PMJ, 2010). A presença de vegetais é de difícil percepção, pois se degradam facilmente, porém é mais um material biológico usado pelos sambaquianos. Preservam-se algumas vezes em virtude de queima ou encharcamento (PMJ, 2010). Um dos materiais vegetais encontrados com frequência em alguns sambaquis é o carvão, vestígios que indicam atividades de preparação de alimentos. Com tais princípios se percebe que a Biologia auxilia nos trabalhos arqueológicos, principalmente na classificação dos materiais faunísticos recorrentes da alimentação desses povos, assim como na construção de artefatos com ossos e identificação dos vegetais utilizados nas fogueiras, além de estacas de madeira e fibras trançadas encharcadas, encontradas recentemente no Cubatão I, que se supõe terem feito parte de estruturas do tipo palafita ou atracadouro (BANDEIRA, 2005). Esta comunicação tem como objetivo abordar alguns quesitos e a importância da ligação Biologia-Arqueologia. Cada vez mais o termo interdisciplinaridade está presente nas discussões teóricas sobre patrimônio cultural.

**Palavras-chave:** Biologia; Arqueologia; sambaqui; Baía da Babitonga.

## ASSEMBLEIA DE DEUS: PATRIMÔNIO CULTURAL E PENTECOSTALISMO

Valdinei Ramos Gandra

Mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)  
valdineigandra@hotmail.com

Euler Renato Westphal

Professor do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, orientador – Univille

A presente proposta de comunicação é parte da pesquisa que está em andamento no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) da Univille, intitulada “O patrimônio cultural da Assembleia de Deus: memória e identidade na criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – Cemp”. O fenômeno religioso está em constante transformação, e por conta disso surgem “novos atores religiosos” e “novas maneiras de experimentar a religiosidade”. Tais mudanças tendem a pressionar os grupos religiosos ditos “tradicionais”. Por um lado, há um esforço para preservar as “tradições”, por outro, uma conscientização da necessidade de uma ressignificação perante o “outro”. A dialógica entre o “antigo” e o “novo” é permeada por tensões que não raras vezes criam uma “crise” de identidade, forçando os produtores de conhecimento do grupo “tradicional” a buscar uma transição sem muitos sobressaltos. É o que está ocorrendo na Assembleia de Deus, principal representante do movimento pentecostal. Essa instituição religiosa, ao comemorar seu primeiro centenário (1911-2011), depara com tal “desconforto” diante dos denominados neopentecostais. Como resposta põe em curso várias ações, entre elas a preservação do seu patrimônio histórico-cultural com a criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – Cemp. Portanto o objetivo desta comunicação é apresentar os primeiros resultados das “tensões” que a ação patrimonial assembleiana comporta em diálogo com os estudos culturais. Acredita-se que esse referencial teórico se apresenta como um importante instrumento metodológico para entender as questões identitárias na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Assembleia de Deus; pentecostalismo; patrimônio cultural; identidade.

## QUESTÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS E CULTURAIS PERTINENTES À GRAVURA ARTÍSTICA, EM CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Elenir Morgenstern

Professora da Universidade da Região de Joinville (Univille)

Rita Peixe

Univille

Este resumo apresenta parte da pesquisa desenvolvida na Univille pelo projeto GRA (“Questões históricas, técnicas e estéticas, relacionadas à gravura contemporânea, com enfoque na região Sul do Brasil”). O projeto centra-se na investigação, no registro e no desenvolvimento de material virtual de apoio ao ensino, referente a questões históricas, sociais e culturais pertinentes à gravura artística, em contexto contemporâneo, dando sequência a três fases anteriores. Destas resultaram o desenvolvimento de uma animação digital, um vídeo e vários bancos de imagem. A proposição para a quarta fase, ainda em desenvolvimento, focaliza dois eixos principais: 1) pesquisa teórica acerca da história da gravura (que visa recuperar, organizar e compilar dados histórico-sociais e mapear aspectos do patrimônio cultural, material e imaterial, desenvolvido por meio da técnica da gravura, nos principais pontos de sua disseminação na região Sul do Brasil); 2) disseminação de saberes relativos à gravura artística, por meio de desenvolvimento de material virtual de apoio ao ensino. Neste ano (2012) focaliza-se, para a recuperação histórica, a região Sul do Brasil, destacando-se o estado do Paraná (Solar do Barão, em Curitiba), do Rio Grande do Sul (Museu do Trabalho, em Porto Alegre) e de Santa Catarina (Clube de Gravura/Udesc, em Florianópolis). Os referidos espaços (também conhecidos como Clubes ou Núcleos de Gravura), com respaldo histórico e em atividade, congregam gravadores dos seus respectivos estados, que desenvolvem atividades produtivas e expositivas, além de proporcionarem formação continuada a vários agentes envolvidos no campo da arte. A metodologia contempla num primeiro momento o registro, com inferências *in loco*, por meio da captura de imagens e entrevistas orais presenciais e *online*, com alguns dos agentes envolvidos nos clubes focalizados. Em um segundo momento, partindo-se dos registros, será desenvolvido um videodocumentário apresentando a história por intermédio dos relatos dos agentes envolvidos na formação e manutenção dos clubes de gravura da região Sul do Brasil. Os resultados principais desta pesquisa referem-se: a) à recuperação do processo histórico de constituição dos núcleos de gravura, nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, e ao mapeamento de parte representativa do patrimônio cultural, material e imaterial concernente às práticas que envolvem processos de gravura, desenvolvidos em meio às atividades desses núcleos; b) ao desenvolvimento de material virtual com vistas à divulgação da pesquisa e apoio às práticas educativas; c) à constituição de uma rede relacional como forma de mediação entre instituições, cujo mote é a gravura artística.

**Palavras-chave:** História; patrimônio material e imaterial; gravura.

# A CACHAÇA ARTESANAL DA CIDADE DE MORRETES (PR) E AS SUAS RESSIGNIFICAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

Etienne Desireé Meira

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)  
eti.meira@gmail.com

Ilanil Coelho

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade – Univille  
icoelho@univille.br

O alimento, muito mais do que necessidade biológica, é uma temática que pode ser usada nos estudos históricos e patrimoniais como revelador de muitos aspectos de uma época, de uma localidade e de uma sociedade. Tomando-se a alimentação como elemento sociocultural e não como mero elemento de cultura material, percebemos como ela pode nos auxiliar a compreender as sociedades das quais emerge e nas quais ganha sentido. Sob tal perspectiva, podemos utilizar a cachaça como base para estudos de cunho histórico e patrimonial no Brasil, visto que ela se encontra fortemente presente nas representações do cotidiano de algumas cidades do país. Esta comunicação visa problematizar como na contemporaneidade podemos vislumbrar alguns dos vínculos estabelecidos entre gastronomia e patrimônio cultural. Toma-se como base de estudo a cachaça artesanal produzida em Morretes, município situado no litoral paranaense, também conhecida por morretiana, que por entre tensões e intenções vem sendo representada como traço cultural marcante não apenas da identidade local, mas também da identidade brasileira e como um importante fator para geração de emprego e renda e de atração turística para a localidade. Por meio da observação e da análise da relação entre o citado artigo alimentício e a cidade, pretende-se construir uma narrativa histórica de relevância cultural na contemporaneidade. O objetivo da pesquisa consiste em interpretar a história da cachaça morretiana, valendo-se de discursos provenientes de fontes oficiais e de imprensa diversas, atentando para os significados que vão sendo construídos. Estes sinalizam, a um só tempo, as transformações urbanas sob impulso dos fluxos globais e as maneiras pelas quais tais transformações acabam por reinventar tradições gastronômicas relacionadas ao consumo e à produção da morretiana, reivindicando-a como patrimônio cultural brasileiro.

**Palavras-chave:** Morretes; cachaça artesanal; morretiana; patrimônio cultural; contemporaneidade.

## EM JOINVILLE SOB A SOMBRA DE UM SAMBAQUI

Cleusa Margareti Ribeiro

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)

Mariluci Neis Carelli

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, orientadora – Univille

mariluci.neis@univille.br

Dione da Rocha Bandeira

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, coorientadora – Univille

dione.rbandeira@gmail.com

Refletir sobre as questões colocadas com relação ao patrimônio ambiental e arqueológico na cidade de Joinville, sob a perspectiva do desenvolvimento sustentável, inclui no processo de construção da sustentabilidade conceitos patrimoniais como a preservação. Além disso, pressupõe uma mudança cultural, mediante a reflexão de que as origens dos problemas ambientais se relacionam de forma direta com as ações culturais resultantes de sistemas econômicos predatórios. Isso requer agora que a sociedade redefina os modelos socioculturais de maneira a estabelecer novos interesses e formas de sobrevivência, com novos paradigmas de valores sustentáveis. Na cidade de Joinville, particularmente, o patrimônio ambiental pode ser facilmente associado ao patrimônio arqueológico, sítios pré-coloniais – sambaquis se apresentam como remanescentes de áreas ambientais, proporcionando a condição peculiar de que em alguns bairros, por conta da urbanização, o entorno desses sítios se encontra totalmente urbanizado. O recorte aqui apresentado destaca três sítios arqueológicos que possuem a condição descrita: o Sambaqui do Rio Comprido, no bairro Comasa; o Sambaqui do Espinheiro II, no bairro Comasa (Vila Paranaense); e o Sambaqui da Rua Guaíra, no bairro Aventureiro. Trata-se de lugares de memória que, para além do patrimônio arqueológico e cultural, agregam a condição de patrimônio ambiental; em uma análise metafórica, exercem a função de pequenos pulmões nesses bairros. Importante destacar que em torno de quatro ou cinco mil anos AP, estabeleceram-se na região grupos humanos classificados como pescadores, coletores e caçadores denominados sambaquianos, os edificadores dos montes de conchas denominados de sambaqui, em uma época em que a sobrevivência do grupo era determinada pelas condições naturais de obtenção de alimentos. O transcorrer do tempo exerceu modificações profundas entre os habitantes dessa região. Diferentemente dos sambaquianos, a subsistência para a sociedade contemporânea tem outras prioridades, porém a relação com o meio ambiente se coloca como um desafio para a pós-modernidade.

**Palavra-chave:** patrimônio ambiental; cultura; memória; sambaqui.

## UMA DISCUSSÃO SOBRE PAISAGEM CULTURAL EM JOINVILLE (SC)

Eliziane Meurer Boing

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)

Mariluci Neis Carelli

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, orientadora – Univille

mariluci.neis@univille.br

O presente resumo tem como objetivo apresentar uma percepção acerca da discussão sobre a paisagem cultural em Joinville (SC), assunto esse importante como instrumento para políticas públicas de gestão, principalmente no espaço para a preservação do patrimônio cultural, da cidade e região. Joinville, situada na região nordeste do estado de Santa Catarina, é a cidade que mais cresceu nas últimas décadas e exerce papel essencial na economia do estado e do país com suas indústrias, principalmente nos setores têxtil, metal-mecânico, de produção de plásticos, entre outros, além do setor de serviços. Ganhou até o apelido de “Manchester Catarinense”, uma referência ao grande centro industrial inglês. A cidade continua em crescimento, assim, é grande o desafio de preservar seu patrimônio ambiental e cultural; ela está buscando o fortalecimento do seu processo histórico e maior conscientização sobre o meio ambiente e as paisagens culturais locais. Para isso as paisagens culturais, assim como toda a parte cultural, são importantes; quando são bem empreendidas e explicadas, servem de alicerce para a cidade e fomentam o turismo, porque, além de apresentarem os acontecimentos do passado, valorizam o presente e projetam a cidade no futuro. Parte deste estudo propõe-se a discutir tal integração por meio da paisagem cultural, que segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2011) é aquela transformada pelo homem, mas que adquire valor social e caráter peculiar no lugar onde está inserida, além de apresentar um resgate de memória e do patrimônio histórico-cultural que possuam significados para determinadas sociedades. Então a cidade, ao buscar melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento socioeconômico, deve focar sua atenção na paisagem cultural, assim como a gestão pública, justamente por ser algo novo e pouco condicionado. A metodologia da pesquisa é de natureza exploratória. Trata-se de um estudo descritivo, baseado em um conjunto de imagens (gravuras e fotografias) que se constituem na documentação desta investigação, principalmente aquelas que possam ilustrar paisagens culturais representativas da cidade. Conclui-se que a região de Joinville apresenta paisagens culturais significativas para sua população, algumas expostas pela mídia, que podem ser visualizadas em cartões-postais, pôsteres e outros elementos de divulgação que estão na memória de alguns cidadãos.

**Palavras-chave:** paisagem cultural; patrimônio cultural; Joinville.

## INTERVENÇÃO URBANA NA RUA DO PRÍNCIPE EM JOINVILLE (SC): REMOÇÃO DA FEIRA DE ARTESANATO EM 1.º DE MAIO DE 2004

João Abeid Filho

Mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)

Ilanil Coelho

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade – Univille

icoelho@univille.br

No dia 1.º de maio do ano de 2004, uma população de artesãos enfrentou a polícia na Rua do Príncipe, numa resistência corajosa, mas infrutífera. A prefeitura, numa ação de intervenção urbana, removeu a Feira de Artesanato, instalada naquela rua e em atividade desde o ano de 1972. Artesãos *hippies* ocupavam áreas centrais da cidade desde 1972 e se instalaram – de forma organizada – naquele espaço em 1983, ocasião em que, após criarem a Associação Joinvilense de Artesãos (Ajart), obtiveram do prefeito Wittich Freitag o apoio e a construção de um calçadão na Rua do Príncipe, interligado à praça Nereu Ramos, onde então se formou a Feira de Artesanato. Entretanto, duas décadas após, o projeto de abertura de uma nova via de trânsito culminou na expulsão dos artesãos. Este estudo parece nos mostrar os eixos que fundamentariam a intervenção na Rua do Príncipe em 2004, os quais poderiam ser colocados como: 1) a necessidade de manter preservadas as construções antigas como símbolos de uma identificação urbana de um passado de tradições; 2) a necessidade de desenvolver um centro histórico atrativo ao turismo e, dessa forma, trazer investimentos e sustentabilidade para o setor de serviços, representado, nesse caso, pelos comerciantes institucionalizados que ocupam o local; 3) os aspectos contraditórios dessa sustentabilidade, quando interpretada pelo poder público sem a legítima participação de todos os segmentos interessados da sociedade, especificamente aqueles que se utilizam do espaço público e dele sobrevivem, gerando exclusão e higienismo. Esses três eixos centrais que entendemos terem contribuído e culminado na remoção da Feira de Artesanato não parecem passíveis de classificação nos movimentos de intervenção urbana estudados, tais como gentrificação, reabilitação, revitalização etc., mas, antes, uma imbricação desses mesmos conceitos. Seria uma demonstração dos movimentos sociourbanísticos contemporâneos, recriando modelos, dentro de visões e interesses transitórios. Fica também evidente a questão da participação social, confundida com representações nem sempre legítimas dos desejos do cidadão, em todas as suas versões e idiosincrasias.

**Palavras-chave:** intervenção urbana; gestão social do patrimônio cultural; sustentabilidade.

## O ESPAÇO SAGRADO COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Gilmar da Silva Ferreira

Mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)

Euler Renato Westphal

Professor do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade – Univille

Objetiva-se com este trabalho fazer uma relação entre o espaço sagrado e o lugar de memória. Uma Igreja pode ser entendida como espaço sagrado por sua representatividade; nesse caso, tomemos uma Igreja-Catedral. Esta “é o lugar de referencial teológico, sacramental e pastoral da Igreja diocesana. Em cada Igreja particular está presente toda Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica” (*Lumen Gentium* 26). Nesse contexto pode-se então pensar sobre memória. Candau (2012) diz que a memória e a identidade têm “lugares privilegiados” onde se concentram. Candau também cita Pierre Nora para dizer que um lugar de memória tem como fundamento deter o tempo. Este trabalho está pautado em tal ideia. O espaço sagrado é, então, um lugar de memória. Aqui se pode entender a representação desses lugares enquanto formação de identidades e também de uma memória coletiva. “[...] isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isso em minha memória” (Lucas 22,19-20). Candau (2012) afirma ainda que todo ato de memória, ao fazer referência às origens, passa pelo processo de seleção e escolha. Orlandi (1996) diz que no contexto religioso não há autonomia para o sujeito. O que há na verdade é uma representação da vontade de Deus. Por conta disso o ato de memória, ao fazer referência às origens, passa pelo crivo seletivo da escolha, conforme Candau. Nesse ponto torna-se necessário fazer referência à cultura como fator primordial nesse processo. A cultura, religiosa nesse contexto, determinará a identificação da comunidade. Huyssen (2000) fala da necessidade e da emergência da memória. Canevacci, por sua vez, trata da *location* e a denomina como lugar. Seria possível então pensar no espaço sagrado tendo como base a perspectiva de Canevacci? O próprio autor afiança que, “quando a *location* é um lugar, ela exprime uma identidade dada como fixa, única, compacta, certa, tradicional como as raízes do pensamento clássico conservador [...]” (CANEVACCI, p. 32). Entendemos assim que uma Igreja-Catedral/espaço sagrado pode ser um lugar de memória.

**Palavras-chave:** espaço sagrado; memória; patrimônio cultural.

## EDUCAÇÃO, SUSTENTABILIDADE E PATRIMÔNIO

Rosane Patrícia Fernandes

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville (Univille)  
rosepati@gmail.com

Sueli de Souza Cagneti

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, orientadora – Univille

Mariluci Neis Carelli

Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, coorientadora – Univille

Educação é uma palavra forte, que bem instrumentalizada permite a formação e o desenvolvimento do ser humano. Seu conceito está estreitamente relacionado à capacidade de promover mudanças na sociedade. Morin (2003, p. 78) diz que a história, a educação e seus programas na fase primária e secundária da vida escolar deveriam situar as disciplinas em novas conjunturas, como o Universo, a Terra, a Vida, o Humano, na forma mais interrogativa, organizar o pensamento e pensar o contexto das situações ou problemas de forma sistêmica e menos fragmentada, e no ensino superior de maneira reflexiva e crítica. É preciso substituir um pensamento que isola, disjunta e reduz por um pensamento que una e vincule o momento, ou seja, pensar a parte em sua totalidade; apenas dessa maneira conseguiremos pensar na crise planetária que emergiu. O acúmulo de evidências assinala uma dupla preocupação – a questão social e a questão ambiental –, que se expressa simbioticamente nos termos da problemática socioambiental. Esta coloca em xeque o próprio estilo de vida do desenvolvimento vigente, que se alicerçou na perspectiva degradante do racionalismo ocidental. Vivenciamos uma “crise mundial do desenvolvimento”, em que o próprio “desenvolvimento vem a deparar-se diretamente com o problema cultural/civilizacional agravando o problema ecológico” (MORIN; KERN, p. 75). O desafio de integrar o desenvolvimento social com prudência e respeito ecológico fora já concebido nos termos propostos pelo “paradigma do eco desenvolvimento”, difundido a partir de 1972, data da então Conferência de Estocolmo. Esse paradigma tem um duplo caráter, como afirma um dos seus eminentes propagadores: é normativo no sentido de um modelo assentado sobre princípios a serem seguidos, assim como tem um valor heurístico, ou seja, auxilia no entendimento das relações entre sociedade e natureza, o que leva a considerar o “*nexus* desenvolvimento-ambiente” (SACHS, 2007, p. 98). Somente considerando a integralidade do desenvolvimento poderemos avançar rumo à efetivação de uma “cidadania integral”. Conforme aponta o Relatório sobre a Democracia na América Latina, “falar de cidadania integral é considerar que o cidadão de hoje deve ter acesso a seus direitos cívicos, sociais, econômicos e culturais em perfeita harmonia, e que todos eles formam um conjunto indivisível e articulado” (PNUD, 2004, p. 26). Vivemos a crise do desenvolvimento, que se evidencia numa crise do pensamento, isso sem esquecer da crise dos valores provocada pela “falsa racionalidade”, isto é, uma “racionalização abstrata e unidimensional”, cega e mutiladora do real (MORIN; KERN, p. 165). Dessa maneira se coloca a tarefa de uma reforma, ou substituição, do atual tipo de desenvolvimento, com o desafio de restaurar o pensamento e os valores de modo a integrar o sujeito novamente ao ambiente, como parte fluente e não dominante, e a desenvolver o senso de pertencimento admitindo a cumplicidade e a legitimidade das ações em defesa do patrimônio cultural e natural. Para esse fim a proposta educacional deve considerar o indivíduo e o ambiente que o cerca, aprendendo a conhecer e a organizar o conhecimento alicerçado pela visão sistêmica, que busca superar a visão mecânica e fragmentada, direcionando-se a uma visão complexa de suas relações (MORIN, 1995). Essas ações mostram-se exatamente inversas à lógica moderna, que figura o homem como mestre e dominador da natureza, cego pela obsessão do progresso a qualquer custo.

**Palavras-chave:** educação; sustentabilidade; meio ambiente; patrimônio.